

A PROVIDÊNCIA DIVINA

(Confissão de Fé Batista de 1689 – capítulo 5)

1. Deus, o bom criador de todas as coisas, em seu poder e sabedoria infinitos, mantém, dirige, dispõe de, e governa todas as criaturas e coisas,¹ desde as maiores até às mínimas,² pela sua muito sábia e muito santa providência, para que cumpram com a finalidade para a qual foram criadas. Isso é feito de acordo com a infalível presciência de Deus e o conselho livre e imutável da sua própria vontade, para o louvor da glória de sua sabedoria, poder, justiça, bondade infinita e misericórdia.³

¹ Hb.1.3; Jó.38.11; Is.46.10,11; Sl.135.6; ² Mt.10.29-31; ³ Ef.1.11

2. Em relação à presciência e ao decreto de Deus (que é a causa primária de tudo), todas as coisas acontecem imutável e infalivelmente,⁴ de maneira que nada sucede por acaso ou fora da providência de Deus.⁵ No entanto, por esta mesma providência, Deus dirige os acontecimentos por meio de causas secundárias, que operam livremente, ou como leis fixas, ou por interdependência.⁶

⁴ At.2.23; ⁵ Pv.16.33; ⁶ Gn.8.22

3. Normalmente, Deus faz uso de meios em sua providência,⁷ mas é livre para operar sem,⁸ acima de,⁹ e contra¹⁰ os meios ordinários, segundo bem entenda.

⁷ At.27.31,44; Is.55.10,11; ⁸ Os.1.7; ⁹ Rm.4.19-21; ¹⁰ Dn.3.27

4. A onipotência, a sabedoria inescrutável e a infinita bondade de Deus se manifestam na providência, de um modo tão abrangente, que o seu conselho determinado se estende até mesmo à queda no pecado e a todos os outros atos pecaminosos, sejam de homens ou de anjos.¹¹ Isto envolve mais do que uma mera permissão, porque Deus, muito sábia e muito poderosamente, limita, regula e governa¹² os atos pecaminosos, em uma dispensação multiforme, atendendo aos santos desígnios de Deus.¹³ Mesmo assim, a pecaminosidade desses atos procede das criaturas, e não de Deus, que, sendo muito santo e muito justo, não é nem pode ser o autor do pecado; e nem pode aprová-lo.¹⁴

¹¹ Rm.11.32-34; 2Sm.24.1; 1Cr.21.1; ¹² 2Rs.19.28; Sl.76.10; ¹³ Gn.50.20; Is.10.6,7,12; ¹⁴ Sl.50.21; 1Jo.2.16

5. Deus, que é muito sábio, justo e gracioso, muitas vezes deixa os seus próprios filhos entregues a várias tentações e à corrupção de seus próprios corações, por algum tempo: para castigá-los por antigos pecados, ou para mostrar-lhes o poder oculto da corrupção e do dolo em seus corações, a fim de que se humilhem; para levá-los a uma dependência mais constante e mais próxima de Deus; para torná-los mais vigilantes contra todas as futuras ocasiões de pecado; e para outros propósitos justos e santos.¹⁵ Por isso, tudo o que sobrevém aos eleitos acontece por designação divina, para a glória de Deus e o bem de seus filhos.¹⁶

¹⁵ 2Cr.32.25,26,31; 2Co.12.7-9; ¹⁶ Rm.8.28

6. Quanto aos perversos e ímpios, Deus, como reto juiz, os cega e endurece, em razão de pecados anteriores.¹⁷ Ele não apenas lhes nega a sua graça, pela qual poderiam ser iluminados no entendimento e transformados no coração;¹⁸ às vezes Ele também lhes retira os dons que já possuíam,¹⁹ e os expõe a situações que se tornam ocasiões de pecado,²⁰ por causa da corrupção. Em outras palavras, Ele os entrega às suas próprias paixões, às tentações do mundo e ao poder de Satanás,²¹ de maneira que eles vêm a se endurecer, mesmo sob aquelas circunstâncias que Deus emprega para abrandamento de outras pessoas.²²

¹⁷ Rm.1.24-26,28; Rm.11.7,8; ¹⁸ Dt.29.4; ¹⁹ Mt.13.12; ²⁰ Dt.2.30; 2Rs.8.12,13; ²¹ Sl.81.11,12; 2Ts.2.10-12; ²² Êx.8.15,32; Is.6.9,10; 1Pe.2.7,8

7. A providência de Deus se estende a todas as criaturas, em geral; mas, acima de tudo, cuida de sua igreja, e tudo dispõe para o bem dela.²³

²³ 1Tm.4.10; Am.9.8,9; Is.43.3-5

A Doutrina da Providência Divina.

Embora, à primeira vista, possa não parecer difícil apreender todos os conceitos relacionados a esta doutrina, ela, na verdade, aborda aspectos que nos são absolutamente incompreensíveis. Hodge a ela se refere como a “difícilíssima doutrina da Providência de Deus” ⁽¹⁾.

A Confissão de Fé Batista de 1689 (CFB) diz que Deus, o Criador de tudo o que existe, “mantém, dirige, dispõe de e governa todas as criaturas e coisas”. Portanto, além de criar, Ele também sustenta e dirige toda a Sua criação.

Vamos citar três conceitos simples do que é entendido por Providência de Deus:

- *“Providência é a contínua ação da divina energia através da qual o Criador preserva todas as Suas criaturas, age em tudo o que acontece no mundo e direciona todas as coisas para o fim que determinou”* ⁽²⁾.

- *“Deus está continuamente envolvido em todas as coisas criadas de forma tal que ⁽¹⁾ as preserva como elementos existentes, que conservam as propriedades com que Ele as criou; ⁽²⁾ coopera com as coisas criadas em cada ato, dirigindo as suas propriedades características a fim de fazê-las agir como agem; e ⁽³⁾ as orienta no cumprimento dos Seus propósitos”* ⁽³⁾.

- *“As obras da providência de Deus são sua preservação e governo santos, sábios e poderosos de todas as Suas criaturas e das ações que elas efetuam. Portanto, a providência inclui preservação e governo”. Mais adiante, o mesmo autor subdivide governo em desígnio e controle* ⁽⁴⁾.

Preservação, Cooperação e Governo.

Essas definições mostram que a doutrina da Providência de Deus pode ser subdividida em três tópicos: *preservação*, *cooperação* e *governo*. Muitos a dividem em apenas dois tópicos: *preservação* e *governo*, não porque não concordem com a existência da *cooperação*, mas porque entendem que ela caracteriza a *maneira* pela qual Deus preserva e governa o mundo. Essa divisão é apenas didática.

John Owen conceituou providência como “um ato ou obra inefável do Deus todo-poderoso, no qual ele nutre, sustém e governa o mundo e move todas as coisas por ele criadas, agindo de acordo com a maneira própria da natureza com que no princípio as dotou, para os fins que determinou” ⁽⁵⁾.

É de grande importância, durante todo o estudo, ter em mente o que a CFB diz (5.7) em relação aos filhos de Deus: “A providência de Deus se estende a todas as criaturas, em geral; mas, acima de tudo, cuida de sua igreja e tudo dispõe para o bem dela”.

“Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8.28). Todos os acontecimentos relacionados à vida dos filhos de Deus agem em conjunto para aproximá-los Dele, isto é, para torná-los mais semelhantes a Jesus Cristo.

“Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós” (I Pe 5.7). Deus continuamente Se importa e cuida dos Seus de maneira tal que, como vimos, todos os acontecimentos na vida deles contribuem para tornar seus corações mais semelhantes ao de Jesus Cristo.

Transcendência e Imanência.

Pelo exposto, vemos que, basicamente, a Criação mostra com clareza a *transcendência* de Deus, que, a uma certa altura, criou tudo o que existe, mas que não Se confunde com aquilo que criou. Deus e as coisas criadas não são a mesma substância. Por outro lado, a Providência trata da Sua *imanência*, isto é, do relacionamento do Criador com a Sua criação e da maneira como Ele o exerce, conforme a Sua vontade, para atingir Seu eterno propósito, preservando, agindo conjuntamente e governando todas as coisas criadas.

Vamos, agora, tentar compreender esses modos de ação de Deus em relação às Suas criaturas e ver quais são as implicações práticas deles para a nossa vida diária. É importante ter em mente que essa distinção (*preservação*, *cooperação* e *governo*) é simplesmente didática, e que esses três aspectos nunca estão separados em toda ação de Deus em relação ao mundo criado.

1 - Preservação.

Todas as substâncias criadas por Deus, materiais e espirituais, têm existência própria real e permanente, derivada, mas distinta, da existência de Deus, que as conserva com as propriedades com as quais as criou. Embora Deus seja *transcendente* (Ele é *distinto da e infinitamente superior à Sua criação*), Ele é também, *imanente* (Ele *Se relaciona com e cuida da Sua criação*).

Em resumo, o capítulo 4 da CFB diz que aprovou a Deus manifestar Seu poder, sabedoria e bondade ao criar ou fazer o mundo e todas as coisas que nele existem. O capítulo 5 diz que, de acordo com a Sua própria vontade, o Criador de todas as coisas, por Seu poder, sabedoria, bondade, justiça e misericórdia, também mantém, dirige e governa tudo o que criou.

De início, podemos ver a íntima relação entre a *criação* e a *providência*. Os dois atos são frutos da vontade de Deus, que neles agiu com *poder, sabedoria e bondade*. Na *providência*, em que há relacionamento Dele com a Sua criação, ainda são acrescentadas a Sua *misericórdia* e a Sua *justiça*.

É interessante notar que o Catecismo de Heidelberg também faz uma forte ligação entre *Criação* e *Providência*, ao tratar do início do credo apostólico. Ao analisar a expressão “Creio em Deus Pai, Todo-poderoso, Criador do céu e da terra”, o Catecismo comenta que Deus “criou do nada o céu, a terra e tudo o que neles há e ainda os *sustenta e governa* por seu eterno conselho e *providência*” (pergunta 26). Diz ainda que *providência* “é a força todo-poderosa e presente com que Deus, pela sua mão, *sustenta e governa* o céu, a terra e todas as criaturas” (pergunta 27). Embora o credo fale, nesse trecho, apenas sobre a *criação*, o catecismo a relaciona com a *providência*.

Deus não apenas criou todas as coisas, mas as preserva, isto é, continua sustentando e dirigindo tudo aquilo que criou, para o fim por Ele mesmo estabelecido. Jesus disse: “*Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também*” (Jo 5.17). O trabalho de Deus não terminou com a criação, mas continua com a Sua providência.

1.1. Deísmo e Panteísmo.

O entendimento do que seja a providência é fundamental para que se descartem conceitos completamente antibíblicos, como deísmo e panteísmo.

O *deísmo* afirma que Deus proveu Suas criaturas com determinadas propriedades, sujeitou-as a determinadas e imutáveis leis, e, depois disso, as deixou seguir seu destino, sem mais interferir ou Se relacionar com elas.

Essa ideia é muito simpática àqueles que têm uma crença naturalista e tentam explicar tudo o que acontece no universo por mecanismos puramente

naturais, isto é, apenas com base simplesmente nas leis observáveis da natureza. Mas, por não conseguirem explicar o início de tudo, defendem a existência de um Ser superior que teria criado tudo e estabelecido leis, para, depois, deixar que tudo continuasse sem a Sua interferência. Esse, todavia, não é o Deus da Bíblia. Deus, na realidade, não apenas criou (*criação*), mas também participa de tudo o que acontece com as Suas criaturas (*providência*).

O *panteísmo* diz que não existe distinção entre Deus e o mundo que conhecemos. Assim sendo, tudo aquilo que existe fora de Deus, ou seja, toda a criação, não teria uma existência real em si mesma, mas seria apenas manifestação do próprio Deus. Esse conceito tenta, também, evitar uma explicação para o início de todas as coisas, já que elas não teriam sido criadas.

Todavia, a Bíblia é muito clara ao distinguir o Criador da Sua criação, além de afirmar, de maneira categórica, que Deus mantém e governa absolutamente tudo o que Ele criou (*providência*). “O mundo existe em função de Deus, por causa dEle e para glória dEle. Deus é em Si mesmo auto suficiente” ⁽⁶⁾. Vejamos alguns textos que mostram que Deus constantemente preserva Sua criação.

1.2. Controle Absoluto.

Em Hb 1.2,3 lemos que Deus “*nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo. Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder...*”.

Falando a respeito de Jesus Cristo, Cl 1.16,17 diz que “*tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele tudo subsiste*”.

Pregando em Atenas Paulo diz: “*Ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais... pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos*” (At 17.25,28).

Falando do cuidado de Deus para com a Sua criação, o Salmo 104 diz que “*todos esperam de ti que lhes dês de comer a seu tempo... se lhes cortas a respiração, morrem e voltam ao seu pó*” (vs. 27 e 29).

Vemos, portanto, que nada escapa ao controle absoluto de Deus e que toda a Sua criação subsiste, é preservada e sustentada unicamente pela Sua ação e pela Sua soberana vontade.

2 - Cooperação.

Deus coopera (ou age conjuntamente) com todas as coisas criadas, de acordo com as suas propriedades características e com as leis estabelecidas, todas determinadas por Ele, de tal modo que todas sempre ajam e continuem a agir da maneira como o fazem.

Por exemplo, Deus criou as coisas com certas propriedades e elas sempre se comportam de acordo com as características com as quais o Criador as dotou. Uma pedra, um tronco de árvore, a água, a areia, as plantas, tudo tem características que são mantidas quando Deus usa o que criou para os fins que estabeleceu. Inclusive as criaturas racionais foram criadas com características próprias, com liberdade, com capacidade de escolha e decisão, e com responsabilidade pelos seus atos, embora, como veremos adiante, todas as suas decisões sempre concorram para que os planos de Deus sejam rigorosamente cumpridos.

São inúmeros os textos que mostram o controle absoluto do Criador sobre a Sua criação (p. ex.: Sl 22.28; 45.6; 104. 9,10,13,14,19,32; 135.6,7; 139.16; 145.13; 148.8; Is. 40.13-18. 25,26; 46.10,11; Dn 4.35; Mt 5.45; 6.26; 10.29; Ef 1.11).

2.1. Causa e Efeito.

Porém, embora Deus esteja sempre no controle absoluto da Sua criação, Ele não age sempre de modo direto sobre ela. Na realidade, o Criador está constantemente dirigindo cada coisa criada, de acordo com as propriedades com as quais as criou, com as leis que estabeleceu, e age rotineiramente por intermédio delas para atingir Seus objetivos.

Aprouve a Deus ordenar a Sua criação de modo tal que todos os acontecimentos estejam sempre ligados a fatos anteriores. Chamamos a isso “lei de causa e efeito”. Todos os eventos são efeitos produzidos por causas a eles ligadas. Causas e efeitos estão sempre encadeados em sequências determinadas pelas leis e propriedades das coisas criadas. O efeito de uma causa torna-se, depois, a causa de outro efeito, e assim por diante.

Todavia, Deus é a Causa de todos os efeitos, ou seja, a Causa Primária, a Causa não causada. Todas as demais causas, isto é, os fatos que promovem resultados decorrentes de sua ação, e das propriedades de todas as coisas criadas, são as causas secundárias. Como Deus ordena todos os acontecimentos, Ele ordena tanto as causas como os efeitos. Tanto os fins como os meios são ordenados por Ele, visando objetivos estabelecidos por Sua soberana vontade.

2.2. Decisões Voluntárias dos Seres Racionais.

Assim sendo, Deus também ordena Suas criaturas racionais empregando-as como causas secundárias. “Deus age *por intermédio dos atos humanos* na sua administração providencial do mundo” ⁽⁷⁾. “Sob Ele e através dEle as criaturas são ativas como causas *secundárias*” ⁽⁸⁾. “Não há um único momento em que a criatura trabalhe independentemente da vontade e do poder de Deus” ⁽⁹⁾. Todavia, Suas criaturas racionais tomam decisões voluntárias e são responsáveis por elas. Calvino diz que o homem tem essa livre decisão “não porque tenha livre escolha igualmente do bem e do mal, mas porque age impiamente segundo a sua vontade, não por compulsão” ⁽¹⁰⁾.

O homem é responsável por suas decisões uma vez que elas são escolhas voluntárias, isto é, são feitas por sua livre vontade, sem que sejam externa e inevitavelmente conduzidas a decidir da maneira como o fazem. Porém, mesmo considerando que as decisões de livre vontade que são tomadas pelo homem estejam sempre ligadas à sua natureza, ele continua sendo responsável por elas, uma vez que são voluntárias. O fato de estarem ligadas à sua natureza não significa que não sejam resultado de livre vontade.

Calvino argumenta que Satanás age voluntariamente, mas não age contrariamente à sua natureza (sempre inclinada para o mal). Suas decisões são voluntárias e ele é moralmente responsável por elas. Deus, também, sempre age conforme a Sua natureza santa. Hb 6.18 fala da impossibilidade de Deus mentir, e II Tm 2.13 diz que, se formos infiéis, Deus permanece fiel, pois não pode negar-Se a Si mesmo. Todavia, as expressões “não pode” e “impossível” não estão relacionadas a alguma limitação, ou falta de capacidade ou poder, mas, sim, à absoluta coerência com a Sua vontade e com a Sua natureza. Calvino pergunta: “Se o Diabo, que não pode fazer senão o mal, peca, entretanto, por vontade; quem, por isso, dirá que o homem peca menos voluntariamente, uma vez que é sujeito à necessidade de pecar?” ⁽¹¹⁾.

A harmonização, em nossa mente, do controle absoluto de Deus sobre a Sua criação com as decisões voluntárias pelas quais o homem é responsável, é impossível e incompreensível para nós. “Nós simplesmente não podemos resolver o enigma que nos é apresentado na providência de Deus nessa vida” ⁽¹²⁾. Precisamos, todavia, ter cautela para não imaginarmos a existência de uma liberdade absoluta, isto é, de imaginarmos que o homem pudesse ser livre *além do controle de Deus*. Isso seria impossível num mundo criado, sustentado e dirigido por Ele.

“Como ribeiros de águas assim é o coração do rei nas mãos do Senhor; este, segundo o seu querer, o inclina” (Pv 21.1). O coração de todos os seres humanos está nas mãos do Senhor e é dirigido por Ele para cumprir a Sua vontade, embora cada um tome suas decisões *voluntariamente*.

*“Verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel, para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram” (At 4.27,28). Portanto, Herodes, Pôncio Pilatos e outros, tanto gentios como judeus, fizeram *voluntariamente* tudo o que já estava predeterminado que eles iriam fazer.*

*“Os que habitavam em Jerusalém e as suas autoridades, não conhecendo Jesus nem os ensinamentos dos profetas que se leem todos os sábados, quando o condenaram, cumpriram as profecias, e, embora não achassem nenhuma causa de morte, pediram a Pilatos que ele fosse morto. Depois de cumprirem tudo o que a respeito dele estava escrito, tirando-o do madeiro...” (At 13.27-29). Assim sendo, todos aqueles envolvidos na condenação e na morte de Jesus Cristo, sem o saber e sem ter conhecimento daquilo que os profetas haviam dito, porém *voluntariamente*, cumpriram as profecias.*

2.3. Todos Fazem a Vontade de Deus Voluntariamente.

Na verdade, todos, ímpios e cristãos, agem sempre sob o estrito controle de Deus, que tudo ordena para que todas as coisas caminhem na direção do cumprimento dos Seus objetivos, mas todos o fazem sempre de maneira voluntária. Nós não temos capacidade para compreender como todos os seres racionais, voluntariamente, fazem a vontade de Deus. Todavia, esses ensinamentos estão muito claros na Palavra e só nos cumpre, com humildade, nela confiar.

Falando de Esaú e Jacó, a Bíblia diz que *“ainda não eram os gêmeos nascidos, nem tinham praticado o bem ou o mal (para que o propósito de Deus, quanto à eleição, prevalecesse, não por obras, mas por aquele que chama) já fora dito a ela: O mais velho será servo do mais moço”... Assim, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia... ele tem misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz” (Rm 9.11,12,16,18).*

A CFB diz que a providência de Deus, por “seu conselho determinado se estende até mesmo à queda no pecado e a todos os outros atos pecaminosos, sejam de homens ou de anjos”. Diz também que “tudo o que sobrevém aos eleitos acontece por designação divina, para a glória de Deus e o bem de seus filhos”. Quanto aos perversos e ímpios, porém, Deus “os entrega às suas próprias paixões, às tentações do mundo e ao poder de Satanás, de maneira que eles vêm a se endurecer...” (CFB 5.4,5,6).

Como vimos, é absolutamente impossível perscrutarmos as profundezas dos pensamentos de Deus e compreender as motivações para os Seus atos santos, justos e perfeitos. *“Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como*

do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!” (Rm 11.13).

2.4. Providência Ordinária e Providência Extraordinária.

É comum encontrarem-se pessoas que, pelo fato de certos fenômenos terem suas causas naturais explicadas, isto é, de serem bem compreendidos conforme leis conhecidas da natureza, eles não seriam resultado da ação de Deus no mundo. Mas, na realidade, é Deus quem dirige todos os fenômenos naturais, é Ele que faz cair a chuva e crescer a relva (Sl 104.14; Mt 5.45). O tempo todo Deus está governando as coisas criadas e agindo por meio delas, utilizando-Se das propriedades com as quais as criou, para atingir os objetivos que estabeleceu.

Às vezes, é feita uma distinção entre *providência ordinária* e *providência extraordinária*. Na primeira, Deus age por meio de causas secundárias, conforme as leis da natureza, e na segunda, Ele age diretamente, sem a mediação de causas secundárias, constituindo aquilo que chamamos de *milagres*. Neste caso, Deus produz resultados extraordinários por meios sobrenaturais.

Todavia, em Sua *providência extraordinária*, Deus invariavelmente opera os milagres com um propósito definido e eles estão sempre ligados à economia da redenção. Eles, geralmente, ocorrem em ciclos de milagres ligados a determinadas épocas da história da redenção, e foram particularmente frequentes durante o período do ministério público de Jesus e da fundação da igreja ⁽¹³⁾.

O fato de Deus agir por meios naturais não significa que os acontecimentos observados não sejam fruto da Sua ação, mas simplesmente mostra a maneira pela qual Deus está rotineiramente dirigindo a Sua criação, através da Sua *providência ordinária*. Nesses casos, Deus está agindo indiretamente, por meio das propriedades com que dotou as coisas criadas e das leis naturais que estabeleceu para o seu funcionamento.

3 – Governo.

Na ação contínua de Deus em relação ao mundo criado, Ele governa todas as coisas de tal maneira que todos os acontecimentos caminhem em direção aos, e atinjam os, propósitos que Ele determinou. Na ação de todas as causas secundárias, todos os meios e fins rumam para um alvo absoluto estabelecido por Deus, para a Sua glória (Rm 11.36).

3.1. Modos de Ação.

O governo soberano de Deus sobre o mundo que Ele criou se manifesta de maneiras diferentes. Rotineiramente, em relação ao mundo físico, falamos da Sua providência ordinária e extraordinária. Vimos que Ele estabeleceu as leis da natureza e por meio delas governa a criação conforme a Sua vontade, por Sua providência ordinária. Porém, ocasionalmente, age por meio de Sua providência extraordinária, naquilo que constituem os milagres.

No que diz respeito ao mundo mental, Ele também age de duas formas diferentes. Deus atua sobre o mundo mental tanto através das propriedades características da mente (providência ordinária), como por meio da atuação direta do Espírito Santo sobre as pessoas (providência extraordinária). Assim sendo, Deus governa os seres racionais, responsáveis por suas escolhas e decisões, utilizando “todos os tipos de influência moral, tais como circunstâncias, motivos, instrução, persuasão e exemplo, mas também age diretamente pela operação pessoal do Espírito Santo sobre o intelecto, a vontade e o coração” (14).

“Eu sei, ó Senhor, que não cabe ao homem determinar o seu caminho, nem ao que caminha o dirigir os seus passos” (Jr 10.23). “O coração do homem traça o seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos” (Pv 16.9). Todos os atos de todas as criaturas racionais são dirigidos pelo Senhor, embora elas sempre ajam voluntariamente (como visto anteriormente - At 4.27,28; 13.27-29). Entretanto, é absolutamente fundamental que tenhamos sempre em mente que a pecaminosidade dos atos humanos “procede das criaturas, e não de Deus, que, sendo muito santo e muito justo, não é nem pode ser o autor do pecado; e nem pode aprova-lo” (CFB, 5.4).

“Nos céus, estabeleceu o Senhor o seu trono, e o seu reino domina sobre tudo” (Sl 103.19). “Pois do Senhor é o reino, é ele quem governa as nações” (Sl 22.28). O governo de Deus é absoluto sobre toda a Sua criação. Nabucodonosor, depois de se exaltar e ser humilhado pelo Senhor, reconheceu isso e disse: “Eu bendisse o Altíssimo, e louvei, e glorifiquei ao que vive para sempre, cujo domínio é sempiterno, e cujo reino é de geração em geração. Todos os moradores da terra são por ele reputados por nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?” (Dn 4.34,35).

“Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai. E, quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados” (Mt 10.29,30). Deus cuida de cada detalhe da nossa vida. Todas as coisas, desde as maiores até aquelas aparentemente quase insignificantes aos nossos olhos estão sob o controle estrito do Senhor.

“No qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1.11). “... bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores” (I Tm 6.15). Como Rei e Senhor absoluto do universo, Deus governa todas as coisas segundo a Sua vontade, tendo como alvo o fim para o qual as criou.

Uma vez que Deus governa todos os acontecimentos visando o alvo para o qual tudo foi criado, não há lugar para acaso ou eventos fortuitos. Nós entendemos que algo tenha ocorrido por acaso quando não conseguimos identificar a sua causa. Mas Deus sabe o motivo de todas as ocorrências. “A sorte se lança no regaço, mas do Senhor procede toda decisão” (Pv 16.33).

Uma ilustração do fato de que nada ocorre por acaso é o da morte do rei Acabe, de Israel. O profeta Micaías havia predito que o rei não voltaria da batalha, mas ele não lhe deu ouvidos. Nessa batalha, “um homem entesou o arco e, atirando ao acaso, feriu o rei de Israel por entre as juntas da sua armadura... a peleja tornou-se renhida naquele dia; quanto ao rei, seguraram-no de pé no carro defronte dos siros, mas à tarde morreu” (I Re 22.5-28, 34,35). Como predito pelo profeta, Acabe morreu na batalha. A Bíblia diz que um soldado, atirando uma flecha ao acaso, ou seja, sem a menor intenção de atingir o rei, que, inclusive, estava disfarçado, acabou por feri-lo. O soldado atirou a flecha ao acaso, mas o Senhor a dirigiu para o destino por Ele planejado.

3.2. Aspectos Práticos.

Essa doutrina da providência divina, embora de difícil compreensão em todos os seus aspectos, é, para os filhos de Deus, uma fonte constante, segura e inesgotável de *descanso*, *alegria* e *gratidão*. Ela nos revela que nosso Pai celestial está permanentemente cuidando de nós e fazendo com que tudo o que nos acontece contribui para tornar os nossos corações mais semelhantes ao de Jesus Cristo, para a Sua glória e para o nosso próprio bem. “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho...” (Rm 8.28,29).

Segundo essa doutrina “nós aprendemos que não é uma casualidade cega, nem um destino obscuro, nem uma vontade irracional ou maligna, nem qualquer força natural que governa a raça humana e o mundo, e que o governo de todas as coisas está nas mãos do Deus Todo-Poderoso e do Pai misericordioso” ⁽¹⁵⁾.

Por isso, podemos sempre descansar em Deus, reduzindo “o nosso pensamento a este ponto: o Senhor o quis; portanto, recebamo-lo com paciência”. Lembremo-nos de “que Deus preserva a Igreja no exercício de sua soberana mercê, e que ele a preserva em resposta às orações de seu povo. Pois, visto que suas orações se acham conectadas às promessas graciosas, o efeito daquelas depende inteiramente destas”. “O verdadeiro cristão possui uma doce consolação que lhe proporciona mais satisfação que o maior dos bem-estares humanos, pois está convencido de que todos os seus assuntos são regulados pelo Senhor, segundo Seu eterno propósito para com os Seus”⁽¹⁶⁾.

Absolutamente nada nos pode separar do amor de Deus, que está em Cristo, e Daquele cujo amor excede todo entendimento, e está cuidando permanentemente de nós e sustentando todo o universo pela palavra do Seu poder (Rm 8.; Ef 3.19; Hb 1.3). É nisso que podemos descansar com alegria e gratidão.

Para finalizar, é importante termos em mente o que dissemos no início: que a divisão da providência em *preservação*, *cooperação* e *governo* era apenas didática, mas que elas nunca estão separadas na ação de Deus no mundo. Talvez pudéssemos imaginá-las agindo simultaneamente dizendo que Deus, em Sua providência, sustenta todas as coisas criadas preservando-lhes a existência e as propriedades que a elas conferiu (preservação), enquanto trabalha em conjunto com elas, utilizando-as como causas secundárias (cooperação) e dirigindo-as para atingir os fins que planejou para a Sua criação (governo).

Que Deus nos abençoe!

Newton Bernardi.

Bibliografia

1. Hodge, C.; *Teologia Sistemática*, Editora Hagnos, São Paulo, SP, 2003, pág. 458.
2. Berkhof, L.; *Systematic Theology*, The Banner of Truth Trust, Edingurgh, UK, 1976, pág. 166.
3. Grudem, W.; *Teologia Sistemática*, Edições Vida Nova, São Paulo, SP, 1999, pág. 247.
4. Hodge, C.; *Teologia Sistemática*, Editora Hagnos, São Paulo, SP, 2003, págs. 428, 433.
5. Owen, J.; *apud* Beeke, J.R. & Jones, M.; *Teologia Puritana*, Edições Vida Nova, São Paulo, SP, 2016, pág. 251.
6. Bavinck, H.; *Teologia Sistemática*, SOCEP Sociedade Cristã Evangélica de Publicações Ltda., Santa Bárbara d'Oeste, SP, 2001, pág. 181.
7. Grudem, W.; *Teologia Sistemática*, Edições Vida Nova, São Paulo, SP, 1999, pág. 263.
8. Bavinck, H.; *Teologia Sistemática*, SOCEP Sociedade Cristã Evangélica de Publicações Ltda., Santa Bárbara d'Oeste, SP, 2001, pág. 196.
9. Berkhof, L.; *Systematic Theology*, The Banner of Truth Trust, Edingurgh, UK, 1976, pág. 173.
10. Calvino, J.; *apud* Grudem, W.; *Teologia Sistemática*, Edições Vida Nova, São Paulo, SP, 1999, pág. 261.
11. Calvino, J.; *As Institutas*, Casa Editora Presbiteriana, São Paulo, SP, 1985, vol. 2, III.5, pág. 53.
12. Bavinck, H.; *Teologia Sistemática*, SOCEP Sociedade Cristã Evangélica de Publicações Ltda., Santa Bárbara d'Oeste, SP, 2001, pág. 196.
13. Berkhof, L.; *Systematic Theology*, The Banner of Truth Trust, Edingurgh, UK, 1976, pág. 177.
14. Berkhof, L.; *Systematic Theology*, The Banner of Truth Trust, Edingurgh, UK, 1976, págs. 175,176.
15. Bavinck, H.; *Teologia Sistemática*, SOCEP Sociedade Cristã Evangélica de Publicações Ltda., Santa Bárbara d'Oeste, SP, 2001, pág. 177.
16. Calvino, J.; *in* Costa, H.; *Calvino de A a Z*, Editora Vida, São Paulo, SP, 2006, págs. 232-234.

Todos os livros citados (Hodge, Berkhof, Grudem, Bavinck) são bons para quem quer se aprofundar no assunto. Porém, o mais simples e objetivo é o capítulo 16 da *Teologia Sistemática* de W. Grudem (Edições Vida Nova, São Paulo, SP, 1999).